

A ESCATOLOGIA AMILENISTA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A TEOLOGIA E A PRÁTICA MISSIONÁRIA

*Chun Kwang Chung**

RESUMO

Escatologia é o conjunto de doutrinas relativas às últimas coisas. Essa área tem experimentado debates intermináveis sobre a volta de Cristo, seu reino milenar, o anticristo, a grande tribulação etc. Todavia, sua maior relevância reside no encontro que promove entre teologia e história, “pois está interessada no final da História e em seu significado”. Assim, argumenta o autor, a escatologia sempre tem sido um grande motivador das missões mundiais, pois a obra da redenção ocorre dentro da história e prossegue até sua consumação final. O missiólogo Andrew Walls observa uma grande mudança no estímulo e na direção das atividades missionárias protestantes no Ocidente desde meados do século XIX, devido à reorientação escatológica desde uma expectativa otimista de grandes números se convertendo a Cristo no pós-milenismo para uma perspectiva pessimista no pré-milenismo. A cosmovisão evangélica atual está dominada por essa abordagem escatológica que determina a maneira como ocorre a pregação do evangelho, bem como o disciplado e as missões. Como terceira alternativa, o amilenismo pode oferecer uma concepção mais equilibrada do reino de Deus e expectativas mais realistas para a igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Missão; História das missões; Escatologia; Pré-milenismo; Pós-milenismo; amilenismo.

* Professor de missiologia no CPAJ e pastor da Igreja Presbiteriana Metropolitana de Alphaville; doutor em Estudos Interculturais pelo Reformed Theological Seminary; mestre em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School; bacharel em Teologia pelo Seminário JMC e em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu.

INTRODUÇÃO

Friamente falando, a escatologia pode ser considerada o corpo de doutrinas relacionadas às últimas coisas, no qual encontramos infindáveis discussões sobre como se dará a volta de Cristo, seu reinado milenar, o anticristo, a tribulação etc. Entretanto, sua maior relevância está justamente no encontro que ela promove entre a teologia e a história, “pois está interessada no fim da história e em seu sentido”.¹ Assim, a escatologia sempre foi um grande motivador para a obra missionária, porque a redenção ocorre dentro da história e caminha para uma consumação final.

O missiólogo Andrew Walls observa uma grande mudança no estímulo e na direção das ações missionárias das igrejas protestantes do Ocidente a partir de meados do século XIX, com a reorientação da expectativa escatológica pós-milenista de uma extraordinária resposta ao evangelho desenvolvida pela teologia puritana no início dos seus esforços voltados aos indígenas para uma iminente volta de Cristo com a deterioração e a decadência do mundo (pré-milenismo).² Desde então, o pré-milenismo passou a ser a cosmovisão dominante no meio evangélico mundial, determinando a maneira como são praticadas as missões, a pregação do evangelho e o discipulado. Como uma terceira via, o amilenismo propõe uma visão mais equilibrada do entendimento de reino e expectativas realistas para o escopo da influência da igreja.

1. O PÓS-MILENISMO NA MISSÃO

O pós-milenismo esteve predominantemente presente nos missionários pioneiros ingleses, holandeses e americanos do século XVII até o início do século XIX, mais como uma cosmovisão dominante do que uma opção escatológica. Naquele momento da história, os conceitos acerca do milênio ainda não estavam claramente delineadas e a rotulação pós-milenista é algo posterior ao surgimento e popularização do pré-milenismo dispensacionista de John Darby (1800-1892).

A instauração e sedimentação da escatologia nesse período coincidiu com a derrocada da Invencível Armada espanhola de Felipe II, em 1588, pelos ingleses e holandeses, no Canal da Mancha. Muitos historiadores consideram-na a vitória do protestantismo contra o catolicismo e o marco inicial da hegemonia inglesa e holandesa no mundo, com uma expansão missionária jamais vista. Havia até uma feição utópica com o fortalecimento do Império Britânico que levou ao desenvolvimento de uma “teologia do domínio” e do reino presente já.³ Na formação do conceito de pós-milenismo está a ideia de que o retorno

¹ WALLS, Andrew. “Eschatology and the Western Missionary Movement”. *Studies in World Christianity*, v. 22 (2016): 182-200, p. 182.

² Ibid.

³ FANNING, Don. “Eschatology and Missions”. *Themes of Theology that Impacts Missions*. Paper 8. 2009. http://digitalcommons.liberty.edu/cgm_theo/8.

de Cristo se dará depois de mil anos de um reino presente, com a conseqüente paz, transformação da sociedade e do mundo pagão, e conversão de toda a humanidade, ou seja, da totalidade dos eleitos.

Loraine Boettner, um dos representantes dessa visão, a define nos seguintes termos:

Pós-milenismo é aquela concepção das últimas coisas que sustenta que o reino de Deus está sendo estendido agora no mundo pela pregação do evangelho e a obra salvadora do Espírito Santo no coração dos indivíduos, que o mundo irá finalmente ser cristianizado e que a volta de Cristo ocorrerá no final de um longo período de retidão e paz comumente chamado de milênio. Deve-se acrescentar que pelos princípios pós-milenistas a Segunda Vinda de Cristo será seguida imediatamente pela ressurreição geral, julgamento geral e a introdução da plenitude do céu e do inferno.⁴

De 1649 a 1660, “sob o governo dos puritanos, a Commonwealth⁵ inglesa tentou reformar a nação, a igreja, as universidades e o ensino aplicando o conceito de Senhorio de Cristo a todas as áreas da vida”.⁶ Essa era a grande motivação do estilo de vida dos puritanos, que, em suas pregações sobre as profecias, afirmavam que o conhecimento de Deus iria cobrir a terra como as águas cobrem o mar, o Messias tomando por herança as nações dos povos pagãos.⁷ Um dos primeiros e mais influentes puritanos, Richard Sibbes, falava do reino de Cristo primeiramente no coração de cada indivíduo, sendo seu trono posto em nossos corações.⁸ Então, “a Babilônia deve cair; a igreja deve se erguer. Cristo irá expandir sua igreja até os confins do mundo... Aquele que ressuscitou Jesus irá levantar sua igreja de todos os seus problemas.”⁹

Tanto na Inglaterra como na Holanda, a participação do Estado nas missões era comum, não havendo uma clara separação entre igreja e política.¹⁰

⁴ CLOUSE, Robert G.; LADD, George Eldon; HOYT, Herman A.; BOETTNER, Lorraine; HOEKEMA, Anthony A. *Milênio: significado e interpretações*. Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1990, p. 107.

⁵ Termo utilizado para designar o estado inglês desde a morte de Carlos I (1649) até a restauração da monarquia (1660).

⁶ WALLS, “Eschatology and the Western Missionary Movement”, p. 184.

⁷ *Ibid.*, p. 185

⁸ ROOY, Sidney H. *The Theology of Missions in the Puritan Tradition: A study of representative Puritans: Richard Sibbes, Richard Baxter, John Eliot, Cotton Mather & Jonathan Edwards*. Audubon Press, 2006, p. 49.

⁹ *Ibid.*, p. 53.

¹⁰ A parceria entre Igreja e Estado não é necessariamente má. O conceito de Estado laico sem a influência da Igreja no governo é algo posterior, que surgiria na Revolução Francesa motivado por agendas secularistas. O casamento entre Igreja e Estado mostrou-se prejudicial ao longo da história, mas existem inúmeros exemplos positivos de parcerias bem-sucedidas.

Em 1649, assim que Oliver Cromwell assumiu o poder, foi criada a Sociedade para a Propagação do Evangelho na Nova Inglaterra (depois chamada de Companhia da Nova Inglaterra) para auxiliar os esforços missionários entre os povos nativos da América do Norte. Surgia assim, uma teologia do Domínio e uma teologia do Reino presente onde a igreja estatal britânica acreditava navegar na onda do reino milenar.¹¹ A estrutura estatal comercial da Companhia das Índias Orientais da Holanda foi usada para o transporte e pagamento dos salários dos pastores e evangelistas, a tradução do Catecismo de Heidelberg para o português, mandarim e hindi, assim como a obra de Grotius, *De Veritate religionis Christianae*, para o árabe.¹² Entre os grandes patronos pioneiros das missões holandesas estão Antonius Walaeus e Gisbertus Voetius, que era um dos representantes da *Nadere Reformatie*.¹³

Mesmo depois de dois séculos, o grande teólogo holandês Herman Bavinck expõe seu otimismo quanto às ações missionárias nas colônias holandesas das Índias Orientais:

Há um crescente entendimento de que Cristo colocou um jugo nos ombros de sua Igreja para pregar o evangelho a todas as criaturas. Uma percepção do grande chamado feito à Holanda cristã está crescendo no que tange às suas colônias. Estamos começando a sentir algo na realidade de que nunca poderemos fazer o suficiente pelas Índias Orientais... Isso é só o começo, mas um começo que não podemos menosprezar por causa do seu tamanho. É um começo que nos dá grande esperança pelo futuro.¹⁴

Bavinck tinha a clara convicção de que nos primeiros séculos da igreja os apóstolos transformaram o mundo romano porque em sua estratégia, houve a participação do Estado como manifestação e extensão do Reino de Deus na terra, papel relevante dado o momento escatológico na História da Redenção.

O Cristianismo tinha que influenciar todos os domínios da vida por causa da natureza de sua mensagem... As missões tinham de começar com indivíduos e com a criação de novas congregações, mas no fim seu alvo são os povos, sua cultura e política.¹⁵

¹¹ FANNING, “Eschatology and Missions”, p. 2.

¹² ROOY, *The Theology of Missions in the Puritan Tradition*, p. 69.

¹³ *Nadere Reformatie* ou Segunda Reforma Holandesa foi um movimento influenciado pelo puritanismo inglês marcado pela profunda piedade, espiritualidade e teologia calvinista.

¹⁴ BAVINCK, Herman. “Onze zending”. *DeBazuin*, 12 Oct. 1900. Disponível em: <https://sources.neocalvinism.org/bavinck/>.

¹⁵ HARINCK, George. “Universality and Duality: Herman Bavinck and the Debate on Whether to Civilize the Dutch East Indies through Missions or Education”. *Calvin Theological Journal* 48 (2013), p. 222-223.

A escatologia também teve um papel determinante para o missionário pioneiro John Eliot, o apóstolo aos índios norte-americanos. Em 1631 ele desembarcou no Novo Mundo e, depois de um período de pastorado entre os colonos, logo aprendeu a língua algonquin e foi evangelizar os nativos com uma abordagem que consistia em atingi-los no âmago do ser e não apenas na superfície, visando a mudança dos costumes e atitudes imorais. Com muita destreza respondia a perguntas dos indígenas e conseguiu seu respeito. Certa feita um velho índio perguntou se não estaria velho demais para ser um cristão. Eliot respondeu com a parábola dos trabalhadores que foram chamados para trabalhar em diferentes horários do dia. Após a conversão de muitos nativos, alguns deles construíram acampamentos separados para viverem melhor a vida cristã longe dos costumes pagãos, os quais ficaram conhecidos como “vilas de oração” (*praying towns*). Eliot faleceu aos 85 anos, depois deixar um legado importante entre os indígenas e de fazer a primeira tradução da Bíblia no continente americano, para a língua algonquin. Ele acreditava que a conversão dos índios era parte do cumprimento das profecias de que os gentios dispersos seriam reunidos logo antes da consumação final. Este seria apenas o começo de um enorme ajuntamento pelo qual se poderia ansiar com confiança, uma escatologia da esperança.¹⁶

Cem anos mais tarde, os avivamentos na Europa e na América do Norte inflamaram ainda mais as expectativas de o evangelho se espalhar rapidamente por todo o mundo como um sinal do fim dos tempos. Jonathan Edwards iniciou na América um movimento de oração para que todos os cristãos se unissem no propósito da expansão do Reino de Deus e esse movimento foi entusiasticamente abraçado na Inglaterra pelo pastor batista John Sutcliff. Ele organizou reuniões de oração na comunidade utilizando uma edição abreviada do livreto de Edwards. Entre os participantes estava um jovem ministro, William Carey, que abraçou a visão de um mundo convertido por esse meio.¹⁷

A visão escatológica do pastor puritano Richard Baxter o fez apontar para o Anticristo como sendo Maomé e o papado. “Juntos eles constituem os dois grandes impedimentos para a propagação do evangelho. Certamente somos lembrados de Roma na descrição do maligno, o filho da perdição, em 2 Tessalonicenses 2”.¹⁸ Nesse contexto, a perda do poder papal na França com a Revolução de 1789 também foi recebida pelos protestantes como um sinal dos tempos escatológicos e a derrocada do Anticristo. O otimismo inicial mais tarde seria substituído pela aversão ao período do terror e ao arcabouço fortemente humanista e ateu da Revolução Francesa.

¹⁶ WALLS, “Eschatology and the Western Missionary Movement”, p. 186-187.

¹⁷ Ibid., p. 190.

¹⁸ ROOY, *The Theology of Missions in the Puritan Tradition*, p. 128.

“Espere grandes coisas de Deus, faça grandes coisas para Deus!” O famoso mote de William Carey está em consonância com as expectativas do pós-milenismo, no qual grandes coisas podem ser esperadas de Deus. Além de evangelista e tradutor da Bíblia, Carey é considerado na Índia um pioneiro como industrial, economista, médico humanitário, comunicador, agrônomo, educador, astrônomo, criador de bibliotecas, conservador de florestas, ativista dos direitos das mulheres, servidor público, reformador moral e cultural.¹⁹ Christopher Smith observa:

Mas os grandes feitos, em termos ocidentais, dependeram de esforços hercúleos, frequentemente com um custo pessoal esmagador. As inúmeras correspondências de Carey testemunham amplamente que a providência de Deus tinha maneiras de trazer para o chão as inclinações de uma teologia de grandeza numa vida inteira de experiência da *theologia crucis*.²⁰

O pós-milenismo como visão dominante não era exclusividade dos círculos calvinistas.

Na concepção de John Wesley a vinda de Cristo significava a extensão do reino espiritual de Cristo nos corações dos homens pela conversão individual. Sua expectativa era que isso continuasse em poder até que o mundo todo fosse regenerado pelo poder salvífico do evangelho como acontecia em seus dias.²¹

Em suas palavras: “Dê-me cem pregadores que não temem nada a não ser o pecado e desejam nada senão Deus, e não importa se são do clero ou leigos, somente isso irá abalar os portões do inferno e estabelecer o reino dos céus na terra”.²²

Outro exemplo de pós-milenismo é Rufus Anderson. Ele é o líder de missões mais importante dos Estados Unidos e via no progresso das missões mundiais os sinais dos tempos, conforme declarado no panfleto “O tempo da conversão mundial chegou”, publicado em 1830 e republicado em 1850. Havia um inescapável otimismo em Anderson, que acreditava na providência de Deus nos desdobramentos políticos, econômicos, eclesiásticos e espirituais para a

¹⁹ MANGALWADI, Vishal e Ruth. *Um modelo de transformação de culturas: o legado de William Carey*. Almirante Tamandaré, PR: Editora Jocum Brasil.

²⁰ SMITH, A. Christopher. “William Carey, 1761-1834: Protestant Pioneer of the Modern Mission Era”. In: ANDERSON, Gerald; COOTE, Robert; HORNER, Norman; PHILLIPS, James (Eds.). *Missions Legacies: Biographical Studies of Leaders of the Modern Missionary Movement*. Maryknoll, Orbis, 1995, p. 250.

²¹ FANNING, “Eschatology and Missions”, p. 24.

²² Ibid.

consumação dos tempos, uma escatologia típica do protestantismo ortodoxo de sua época.²³

O otimismo da visão pós-milenista foi fruto do seu tempo, que também coincidiu com a primeira revolução industrial, o desenvolvimento tecnológico no mundo ocidental e o colonialismo. Muitos elementos políticos e estatais se misturaram com o esforço missionário dessa época, produzindo alguns resultados inesperados e indesejados como paternalismo e excepcionalismo.

2. O PRÉ-MILENISMO EM MISSÕES

O rápido declínio do pós-milenismo como visão escatológica dominante acontece na virada do século XIX para o século XX e se dá tanto por conjecturas externas como por inconsistências teológicas internas. A Revolução Francesa, que havia diminuído o poder papal, trazia agora ao mundo instabilidade política e turbulência social. O enfraquecimento do Império Otomano significava, para Rufus Anderson, o aprisionamento do Falso Profeta, mas na realidade o vácuo deixado foi ocupado pela Rússia, ameaçando a influência Britânica no Mediterrâneo e na Índia.²⁴ A Guerra Civil Americana também foi um duro golpe no otimismo até então dominante e, finalmente, as duas grandes guerras mundiais enterraram completamente a visão de um mundo pacífico e em constante progresso.

Internamente, o erro mais grave da visão do pós-milenismo como teologia é que ela deixara de fora um elemento essencial e inegociável na escatologia: a volta iminente de Cristo. O otimismo da perspectiva do mundo inteiro convertido em pouco tempo era irreal e seus desafios foram subdimensionados. Outro problema era o entendimento errôneo da própria essência do evangelho, que se confundiu na época com o ideal ocidental de civilização imposto por meio da colonização e do paternalismo em algumas ocasiões.

Nesse cenário, surgiu uma nova maneira de interpretar as profecias bíblicas, proposta pelo clérigo irlandês John Nelson Darby. Até então a maneira de se interpretar os eventos mencionados por Jesus no sermão profético de Marcos 13 e Mateus 24, assim como os cataclismas descritos no livro de Apocalipse, eram vistos primariamente como eventos do passado que já teriam se cumprido no ano 70 d.C. e nos primeiros séculos da igreja cristã. No pré-milenismo, os eventos apocalípticos passam a vistos primariamente como acontecimentos futuros e, a qualquer sinal de guerras, pragas e desastres naturais, alertas são soados pelos pregadores do fim do mundo com a pergunta: “Você está pronto para a volta de Cristo?”

²³ WALLS, “Eschatology and the Western Missionary Movement”, p. 195.

²⁴ Ibid., p. 196.

O mundo não progrediria gradualmente até a volta de Cristo, mas ficaria cada vez pior até a sua destruição, abrindo caminho para o Reino milenar no futuro. O papel da igreja passa a ser o de resgatar e converter o maior número possível de pessoas para que fujam da Grande tribulação até a inauguração do Milênio. Movimentos populares do início do século XX, como o avivamento da Rua Azusa, que marca o início do pentecostalismo moderno, pregadores avivalistas como Dwight L. Moody, e a publicação da Bíblia Anotada de Scofield, em 1909, foram eficazes instrumentos de massificação do pré-milenismo. O clima de otimismo anterior foi substituído pelo pessimismo, em que a corrupção da igreja e do mundo seriam purificadas somente com a volta poderosa e gloriosa de Jesus Cristo. A possibilidade da atuação dos santos no mundo e o derramar da graça comum de Deus sobre os não-crentes como instrumentos para refrearem o mal, trazendo justiça e paz na terra, são quase que completamente abandonados.

Outro fator fundamental para a guinada da nova escatologia foi o crescente liberalismo teológico em círculos antes evangélicos. A velha ordem corrompia a pureza doutrinária da inerrância das Escrituras e precisava se completamente abandonada. Nessa conjuntura a velha escatologia era deixada de lado, sendo substituída pela nova e revigorada escatologia profética dispensacionalista. O movimento fundamentalista norte-americano do início do século XX, de maioria batista, igualava a ortodoxia ao pré-milenismo. Sua grande coroação se dá em 1948 com o estabelecimento do Estado de Israel e a expectativa da reconstrução do templo, a manifestação do Anticristo e o palco armado para a batalha do Armagedom.

A visão de Reino de Deus foi fundamentalmente revista nesse período. No pós-milenismo a visão de reino era visível, um reino de misericórdia pelos fracos marcado pelo combate ao obscurantismo com desenvolvimento tecnológico e cívico. “Assim, os primeiros missionários foram agentes radicais de mudanças, acabando com a escravidão, morte de mulheres em funerais, infanticídios, poligamia, prostituição infantil e outros males”.²⁵ A primeira onda de missões modernas do século XIX foi conduzida por sociedades ou agências denominacionais que operavam dentro da visão escatológica dominante. A mudança drástica na maneira de se encarar o reino milenar de Cristo no pré-milenismo é seu aspecto futuro.

O novo estilo de agências missionárias, não mais ligadas às denominações, frequentemente abraçou a escatologia pré-milenista. James Hudson Taylor, fundador da Missão Para o Interior da China, o protótipo das novas missões, foi profundamente influenciado por esse pensamento. O evangelicalismo anterior esteve alinhado com causas como antiescravidão e outras causas humanitárias,

²⁵ FANNING, “Eschatology and Missions”, p. 24.

sempre atento à esfera pública e à reforma da sociedade; o novo estilo, embora não tenha ignorado essas coisas, tinha o foco em outro lugar.²⁶

Um exemplo disso foi o cristianismo implantado na Coreia pelos missionários americanos que chegaram depois da Guerra Civil. Os movimentos missionários nascidos em solo norte-americano começaram a ser profundamente influenciados pelas conferências de profecias, dispensacionalismo e o pré-milenismo. Consequentemente, entre os crentes coreanos criou-se uma indiferença para com as reformas sociais e uma tendência a separatismos. No lado positivo, o zelo evangelístico e piedade individual marcam o milenarismo coreano. O pré-milenismo também foi importante teologicamente na resistência à imposição do culto do xintoísmo pelos dominadores japoneses antes da 2ª Guerra Mundial.²⁷ Até hoje a maior parte dos presbiterianos da Coreia do Sul são pré-milenistas históricos em sua concepção escatológica.

Uma reação à postura dualista do pré-milenismo em sua relação com o mundo se deu na América Latina com a Teologia da Missão Integral. O foco excessivo nos apelos, orações de arrependimento para a salvação e decisões por Cristo que marcaram o evangelicalismo pós-Segunda Guerra levaram alguns teólogos latino-Americanos a criticarem tal postura. Eles entendiam que a pregação era feita em detrimento da ação social. A missão definida como evangelismo e ação social, os dois lados da mesma moeda ou as duas asas do mesmo avião, nada mais é do que um subproduto reacionário da escatologia pré-milenista.

3. O AMILENISMO E MISSÕES

O amilenismo é também conhecido no meio acadêmico como *escatologia inaugurada*.²⁸ O primeiro acadêmico a tratar do assunto nessa perspectiva foi Anthony Hoekema, que abriu o caminho para outros como Geerhardus Vos, Meredith Kline e mais recentemente Gregory K. Beale.²⁹ O milênio é inaugurado na primeira vinda de Cristo e o poder de Satanás para enganar as nações é limitado com seu aprisionamento (Ap 20.3,6), iniciando o período do reinado e sacerdócio junto com Cristo daqueles não adoraram a besta (Ap 20.4), isto é, a igreja. A noção de escatologia inaugurada aponta para o aspecto “já e ainda

²⁶ WALLS, “Eschatology and the Western Missionary Movement”, p. 197.

²⁷ AHN, S. “Millennialism in the Korean Protestant Church”. *Studies in World Christianity*, v. 12, n. 2 (2006), p. 184-187.

²⁸ POYTHRESS, Vern. “Currents within Amillennialism”. *Presbyterion*, v. 26, n. 1 (2000): 21-25, p. 24.

²⁹ HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989. VOS, Geerhardus. *The Pauline Eschatology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1953, p. 226-60. KLINE, Meredith G. “The First Resurrection”. *Westminster Theological Journal* 37/2 (1974-75): 366-375. BEALE, G. K. *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

não” desse reinado, em que a pregação de evangelho produz transformação em todas as áreas da vida.

A segunda vinda de Cristo não é dependente do avanço completo do evangelho no mundo como afirmam os pós-milenistas, podendo acontecer a qualquer momento. Em outras palavras, Cristo não está impedido de voltar porque as nações ainda não foram todas evangelizadas como comumente se interpreta Mateus 24.14. A iminente volta de Cristo leva o cristão a viver eticamente de modo coerente com sua esperança, não procrastinando em sua consagração e entrega total ao senhorio de Cristo Jesus. Justamente por ninguém saber quem são os eleitos e sua totalidade, existe sempre o elemento surpresa – “virá como ladrão”.

A questão dos judeus no pré-milenismo sempre ocupou um lugar de grande proficuidade. No amilenismo apenas “os judeus fiéis irão se juntar a Abraão em herdar a terra prometida e gozar plenamente das bênçãos de Deus no novo mundo”.³⁰ Na prática, significa que a evangelização dos judeus é um assunto urgente que requer o envolvimento ativo da igreja, pois eles não terão uma “segunda chance” no reino milenar futuro, se, de fato, já estamos no milênio. Calvino, Lutero, Bucer, Voetius e Edwards sempre enfatizaram a evangelização dos judeus.

Cristo reina! Essa é a grande mensagem do livro de Apocalipse. Assim, a implicação para a missão da igreja no milênio é que ela deve exercer seu testemunho e reinado juntamente com Cristo. Na introdução do Apocalipse, no capítulo 1, um importante texto do Antigo testamento é citado no versículo 7 para ratificar essa ideia: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!”

Apocalipse 1.7 é formado pela citação ou alusão de dois textos do Antigo Testamento, Daniel 7.13 e Zacarias 12.10, que servem como o *modus operandi* da missão em Apocalipse e no milênio inaugurado. Marko Jauhiainen argumenta que esta é a mais significativa alusão de Apocalipse a Zacarias, funcionando como um sinal literário e uma chave interpretativa, pois opera no quadro escatológico do profeta sugerindo a iminência do cumprimento de uma aguardada restauração.³¹

Deve-se notar que os dois textos aos quais João alude em Apocalipse 1.7 também aparecem combinados em outro lugar no Novo Testamento, a saber, em Mateus 24.30. Isto não é mera coincidência, mas o ponto nevrálgico e de suma importância para todo o argumento. Como primeiramente observado

³⁰ POYTHRESS, Currents within amillennialism, p. 24.

³¹ JAUHIAINEN, Marko. *The Use of Zechariah in Revelation*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, p. 143.

por Richard Bauckham e defendido por outros acadêmicos,³² a combinação de Daniel 7.13 e Zacarias 12.10 era conhecida como *testimonia traditum*, uma espécie de mote ou versículos favoritos da igreja primitiva, e essa vai ser a referência usada para se definir a natureza e o escopo de missão em Apocalipse de reinar e sofrer com Cristo.

Os versos anteriores à *testimonia traditum* no prólogo declaram quem recebeu toda a autoridade, sendo o Senhor sobre todos os reis da terra (v. 5). Mas assim como no restante do livro, também se aponta para o seu sofrimento quando ele é chamado de fiel testemunha e o primogênito dos mortos. Μάρτυρ ainda não significava “mártir” no livro de Apocalipse, mas seu uso aparece repetidas vezes em conjunto com a morte dos cristãos.³³ O primogênito dos mortos é um termo paulino (Cl 1.18) que aponta para Cristo como o pioneiro e o penhor da ressurreição e da imortalidade. Esses termos formam o primeiro par, introduzindo a ambiguidade proposital que dá o tom da prática missionária. Em outras palavras, a missão se cumpre no contexto da perseguição e do sofrimento porque o Milênio não é necessariamente caracterizado como o fim de toda luta e dificuldade como se fosse quase um céu na terra. Trata-se de um período em que o dragão está preso, com sua influência e poder limitados para que não mais engane as nações. O capítulo 19 de Apocalipse, conhecido como a batalha de Armagedom, na verdade descreve a grande peleja pelos corações e mentes das nações e seus reis que se enfurecem e conspiram contra o Senhor e seu Ungido (Salmo 2) durante o milênio. Essa batalha é travada desde a primeira vinda de Cristo até sua volta num período em que, assim como em Apocalipse 20.3, o aprisionamento da Besta e do falso profeta faz com que Palavra que sai da boca de Cristo montado em seu cavalo branco (v. 21) conquiste todas as nações.

O segundo par em missão, “reinar/sofrer”, está no verso seguinte, em Apocalipse 1.6. Logo se percebe que se trata de uma alusão a Êxodo 19.6 e a 1Pedro 2.9. Grant Osborne observa que a expressão *basileian, hieréis* (“reino, sacerdotes”) em Apocalipse 1.6 é bem diferente da construção gramatical *basileion hierateuma* de 1Pedro 2.9, em seu uso adjetival, traduzida por “sacerdócio real”. Neste caso o sacerdócio é qualificado como real. A ideia em Apocalipse é um pouco diferente, trazendo a função dupla de rei e de sacerdote ao mesmo tempo. O que está implícito em Apocalipse 1.6 fica explícito em Apocalipse 5.10 (*basileian kai iereis*) apontando para a tradição de Êxodo 19.6.³⁴ Ao serem

³² ALBL, Martin C. *And Scripture Cannot Be Broken: The Form and Function of the Early Christian Testimonia Collections*. Supplements to Novum Testamentum, v. 96. Leiden; Boston: Brill, 1999, p. 257.

³³ AUNE, David E. *Revelation*. Vol. 1. Word Biblical Commentary 52. Dallas: Word Books, 1997, p. 38; Beale, *The Book of Revelation*, p. 190.

³⁴ OSBORNE, Grant. *Revelation*. Grand Rapids, Baker Academic, 2002, p. 65.

tirados do Egito, o propósito do povo de Israel, isto é, o seu chamado é definido como sendo uma nação real e sacerdotal mediando a luz salvífica de Yahweh para os Gentios (cf. Is 43.10-13).³⁵ Da mesma forma, a igreja agora assume esse papel real e sacerdotal, exercendo autoridade e poder, mas ao mesmo tempo carregando o peso do pecado do povo como os sacerdotes. Somente Cristo acumula em si a função de sacerdote e rei, por ser essa uma prerrogativa messiânica de acordo com as profecias do Antigo Testamento, e que após sua morte e ressurreição são outorgadas à sua igreja para que exerça o sacerdócio real (1Pe 2.9). Cristo reina e sua autoridade no céu e na terra é a base para o “ide” da igreja para exercer o seu ministério de reconciliação. Somos embaixadores desse reino invencível, servindo como ponte para todos aqueles que estão sob os principados e potestades.

O terceiro par na sequência é a citação em Apocalipse 1.7. No tema do reinado “Daniel 7.13-14 retrata não apenas a *parousia*, mas também a transferência de soberania das nações do mundo para Jesus, o Filho do Homem que exerce o governo de Deus”.³⁶ Em Zacarias 12.10, aquele que foi traspassado causará o lamento final de arrependimento das nações. O rei sofredor, isto é, o rei sacerdote faz de sua igreja sua imitadora no exercício do seu reinado na terra e de seu sacerdócio para as nações.

Este reinado é coerente com a visão amilenista, na qual o dragão se encontra atualmente acorrentado não mais enganando as nações. O evangelho é pregado na imagem de Cristo montado em seu cavalo branco com a espada da Palavra em sua boca conquistando as nações junto com sua igreja na terra.

A importância do prólogo do livro de Apocalipse vai muito além da mera função introdutória e de saudações gerais. Ele antecipa os temas e resumidamente apresenta o cerne do que será tratado no livro como um todo. Os destinatários são apresentados como as sete igrejas que representam todas as igrejas de todos os tempos (1.3). O assunto principal do livro é apresentado como a exaltação e domínio de Jesus Cristo na doxologia dos versos 5-6 e 8. O destino das nações é apresentado através do *testimonium* popular na igreja primitiva motivando os crentes a testemunharem de seu Senhor (1.7).

Quando Yahweh é traspassado na morte de Cristo, os últimos dias são inaugurados revelando o mistério que estava oculto. O drama escatológico é colocado em movimento e seu povo aguarda a virada decisiva enquanto batalha contra os poderes opressivos.³⁷ O termo mistério ocorre quatro vezes em Apocalipse e, como no restante do Novo Testamento, é usado para indicar o cumprimento de profecia de uma maneira inesperada. No contexto próximo

³⁵ BEALE, *The Book of Revelation*, p. 193.

³⁶ BAUCKHAM, Richard. *The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1993, p. 322.

³⁷ JAUHAINEN, *The Use of Zechariah in Revelation*, p. 144.

em Apocalipse 1.20 a explicação do significado secreto dos sete candelabros revela a missão da igreja. Ela é a luz do mundo pela qual as nações têm acesso à árvore da vida (22.2). Adão perdera esse acesso (Gn 3.24), mas Deus mostra um novo caminho para que todas as famílias da terra possam ter acesso à árvore da vida no sacerdócio de Israel. Em Êxodo 25.31-40 o candelabro deveria ser confeccionado conforme um padrão que lembrasse uma amendoeira. Em Apocalipse a Igreja é o candelabro que nas Escrituras representa a árvore da vida.

Assim como os discípulos esperavam que o Messias fosse um grande conquistador e libertasse a nação de Israel do jugo romano, a grande expectativa para os últimos dias também era uma gloriosa vindicação para os fiéis seguidores do Cordeiro. No entanto, o mistério que se revela é uma inversão dessa expectativa à medida que as nações irão ganhar o acesso à árvore da vida por meio da proclamação e do testemunho corajoso dos mártires que sofrem fielmente pelo evangelho.

A tribulação, o reino e a perseverança em Jesus (Ap 1.9) devem ser vistos como tendo sua referência no contexto de Dn 7.13.27 e conseqüentemente refletir a mesma identificação do Filho do homem com o sofrimento escatológico dos santos em seu reino implícito no próprio contexto de Dn 7 (isto é, se os santos têm que sofrer antes do reinado, assim também o Filho do Homem, já que ele é seu representante em Dn 7)... E João traz τὸ μυστήριον de Daniel precisamente neste ponto para enfatizar a natureza irônica do cumprimento e a reversão das expectativas.³⁸

Até aqui vimos que Apocalipse 1.7 aponta para o lamento arrependido das nações que creram no Cordeiro, cumprindo assim a profecia de Zacarias 12.10. Eles assumem o papel de Israel arrependido e as demais nações incrédulas irão ser julgadas no final. O livro de Apocalipse não é apenas a culminação de muitas profecias do Antigo Testamento, mas também o último livro do cânon que conclui e epiloga toda a metanarrativa da Bíblia como um todo.³⁹

O lamento de todas as nações da terra em arrependimento (1.7) cumpre a bênção abraâmica e é continuado na visão gloriosa das multidões de “milhões de milhões e milhares de milhares” (5.11) e inumeráveis nações, tribos, povos e línguas que adoram o Cordeiro (7.9). No capítulo 5 as nações são trazidas para o povo de Deus e no capítulo 7 vemos o resultado da atividade salvífica. Tudo isso se dá como consumação das promessas ao patriarca:

³⁸ BEALE, *The Book of Revelation*, p. 221.

³⁹ OSBORNE, Grant R. “The Mission to the Nations in the Book of Revelation”. In: LAANSMA, Jon; VAN NESTE, Ray; OSBORNE, Grant R. *New Testament Theology in Light of the Church’s Mission: Essays in Honor of I. Howard Marshall*. Eugene, OR: Cascade Books, 2011, p. 367.

Jurei, por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz (Gn 22.16-18).

A identidade dos que foram reunidos no céu é debatida. Para Caird e Bauckham seria o ajuntamento dos mártires cristãos,⁴⁰ enquanto que para Smalley esse seria o glorioso futuro da comunidade joanina que estavam em perseguição.⁴¹ É mais provável que este seja o ajuntamento de todos os santos, inclusive dos mártires. “O enorme tamanho desse grupo, que chega aos milhões é um número descomunal dado que os cristãos que viviam no primeiro século, tanto judeus como gentios, não poderiam ser tão numerosos”.⁴² Essa inumerável multidão não poderia ser uma observação empírica da igreja cristã no tempo em que Apocalipse foi escrito. Antes é o eco da promessa de Deus aos patriarcas de que seus descendentes seriam inumeráveis (Gn 13:16; 15:5; 17:4).⁴³

Osborne também caminha na mesma direção quando diz que *pantos etnous* se destaca na lista sendo suplementado pelos demais plurais. “Toda nação” continua a ênfase do livro na missão universal da igreja às nações (10:11; 11:9; 13:7; 14:6; 17:15; 21:24, 26) e provavelmente aponta para a visão do AT da procissão das nações para Deus (Isa. 11:10; 66:18-21).⁴⁴

4. A PROCISSÃO DAS NAÇÕES A SIÃO NO MILÊNIO

A conversão das nações simbolizada pela procissão delas a Sião é um tema comum no AT (Sl 86.9-10; 46.10; 47.9; 102.15; Is 2.2-4; 14.1-2; 45.23; 60.1-3; 66.18-23; Jr 16.19; Zc 8.20-23).⁴⁵ Em Apocalipse 15.4 essas profecias são cumpridas com as nações adorando Deus no céu. A citação vem do Salmo 86.9-10.

Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos (Ap 15.4).

⁴⁰ CAIRD, G. B. *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine*. New York: Harper & Row, 1966, p. 11; BAUCKHAM, *The Climax of Prophecy*, p. 11.

⁴¹ SMALLEY, Stephen S. *The Revelation to John: A Commentary on the Greek Text of the Apocalypse*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005, p. 191.

⁴² AUNE, David E. *Revelation*. Vol. 1. Word Biblical Commentary 52. Dallas: Word Books, 1997, p. 466-467.

⁴³ BAUCKHAM, *The Climax of Prophecy*, p. 223; SMALLEY, *The Revelation to John*, p. 190; AUNE, *Revelation*; BEASLEY-MURRAY, George Raymond. *The Book of Revelation*. New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1981, p. 144.

⁴⁴ OSBORNE, *Revelation*, p. 319.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 568.

Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome. Pois tu és grande e operas maravilhas; só tu és Deus! (Sl 86.9-10).

O mesmo tema dá também no final do livro em 21.24-26, onde a procissão das nações chega a sua conclusão gloriosa com estas andando na luz do Cordeiro e os rei trazendo sua glória e honra à Jerusalém celestial. O pano de fundo do Antigo Testamento é Isaías 2.5 e 60.3. Em Apocalipse, João estabelece o relacionamento entre as nações e a Nova Jerusalém de maneira mais significativa ao usar o texto do Antigo Testamento e modificá-lo para dizer que “a glória de Deus como a luz da Nova Jerusalém não é apenas um farol que atrai as nações, mas eles vivem por causa da luz”.⁴⁶ As nações irão ser expostos à glória da Shekinah de Deus que enche a reino celestial.⁴⁷

A vitória final do Cordeiro e o tema da conversão das nações em procissão recebe uma significativa guinada ao utilizar o termo “os reis da terra” no verso 24.⁴⁸ Com exceção em 1.5, o termo é usado negativamente em todo livro para descrever governantes humanos que se juntam com algumas ocasiões com poderes demoníacos para se opor a Deus e ao seu povo (cf. 13:1-8, 11-18; 16:12-14, 16; 19:19-21; 20:3, 8-10).⁴⁹

Outra diferença notória é que na profecia de Isaías os reis da terra trazem suas riquezas para Jerusalém, enquanto “glória e honra” em Apocalipse são realidades espirituais.

Esta é uma interpretação deliberada de Isaías no sentido doxológico. As nações não mais clamam glória e honra para si mesmas em rejeição idólatra ao governo divino, mas reconhecem e adoram que a Deus pertence toda glória e honra.⁵⁰

⁴⁶ Ibid., p. 315.

⁴⁷ OSBORNE, “The Mission to the Nations in the Book of Revelation”, p. 356.

⁴⁸ FEKKES, Jan. *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book of Revelation: Visionary Antecedents and Their Development*. *Journal for the Study of the New Testament* 93. Sheffield, England: JSOT Press, 1994, p. 99. “No que tange ao templo, Josefo menciona ‘tributos oferecidos a Deus de todos os cantos do mundo’ (War 5.187; cf. Ant. 15.402). Um paralelo interessante a Ap 21.26 é encontrado em Mac 5.16, onde o despojamento do templo por Antíoco incluiu a remoção das ‘ofertas de votos que outros reis haviam feito para aumentar a glória e honra do lugar’. O conceito de uma peregrinação universal escatológica das nações é uma implicação natural do nacionalismo profético que permanentemente olhava para a restauração das glórias do passado (1Rs 10.23-25) e combinava costumes políticos com imagens de festividades religiosas. Sião/Jerusalém é o centro político e religioso de onde Yahweh ou seu ungido irá governar as nações da terra. Essa expectativa é especialmente vibrante em Isaías e nos Salmos: Is 2.1-4; 11.10; 60.1-16; 61.5-6; 66; Sl 22.27-29; 47.7-9; 68.29; 72.9-11; 86.9; 102.21-22; 122.3-4; 138.4-5; cf. Zc. 14.9, 16,17; 1 En. 90.30-33; 1QpPs 68.29-30”.

⁴⁹ HERMS, Ronald. *An Apocalypse for the Church and for the World: The Narrative Function of Universal Language in the Book of Revelation*. Beihefte zur Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der Älteren Kirche. Bd. 143. Berlin; New York: W. de Gruyter, 2006, p. 197.

⁵⁰ BAUCKHAM, *The Climax of Prophecy*, p. 315.

Apocalipse 22 continua a visão das nações diante do Cordeiro e estas agora têm acesso à árvore da vida, com suas folhas usadas na sua cura espiritual e física em clara alusão a Ezequiel 42.12. Se no Antigo Testamento a cura estava reservada somente para Israel, João amplia sua aplicabilidade para as nações assim como em Apocalipse 1.7, onde o lamento de arrependimento de Israel é agora também das nações.⁵¹ A cura das nações pelas folhas da árvore da vida é o desfecho triunfante das Escrituras e a reversão final da maldição em Gênesis 3.24.⁵²

5. A PRÁTICA MISSIONÁRIA NO MILÊNIO

A ambiguidade deliberada introduzida no prólogo e na citação de Daniel 7.13 e Zacarias 12.10 continua em todo o livro, definindo a natureza da prática missionária da igreja no livro de Apocalipse. O dualismo é muito comum no livro com a utilização de imagens como, por exemplo, a do Cordeiro e o Leão e o rolo de Escritura doce e amargo.⁵³ O tema da *práxis missio* também segue essa mesma tendência quando Cristo é chamado de Fiel Testemunha, o primogênito dos mortos e o rei de toda terra no verso 5 e a igreja é um reino e sacerdotes ao mesmo tempo (v.6). A vitória do Cordeiro se dá de forma inesperada pelo sofrimento e martírio da igreja ao mesmo tempo que os crentes exercem autoridade e reinado com Cristo.

A práxis binária em missão “reinado/sofrimento” continua no livro em Apocalipse 5.9. A sua fraseologia típica vem de Daniel 3.4. Na ocasião da inauguração da estátua de Nabucodonozor “todos os povos, nações e homens

⁵¹ Ibid., p. 269-270. “A dependência das nações na nova era à luz da Nova Jerusalém é uma antítese deliberada do relacionamento prévio entre as nações e a Babilônia. Enquanto lá atrás as nações recebiam a sua direção e inclinação da cidade maligna (Ap 14.8; 18.3, 23), agora elas confiam na direção da glória divina. Enquanto lá atrás elas pisotearam a Cidade Santa (11.2), agora elas andam na sua luz. Essa reorientação escatológica das nações cumpre a expectativa de Ap 15.4 de que ‘todas as nações virão e adoração diante de ti’”.

⁵² OSBORNE, “The Mission to the Nations in the Book of Revelation”, p. 356. “Na literatura judaica essas árvores estão plantadas numa ‘terra imortal’ (Odes de Salomão 11.16) com ‘frutos virgens’ crescendo no paraíso (4Esdras 7:123-24) e disponíveis para os justos (Enoque 25.4-5). Na frase, ‘as folhas da árvore são para a cura das nações’, com τῶν ἔθνῶν sendo um genitivo objetivo, ‘será a cura das nações,’ vemos a referência a Ez 47.12. O Éden final será caracterizado por cura eterna. Não significa que a cura será necessária..., mas simboliza toda cura espiritual que o Cordeiro traz para as nações”.

⁵³ STEWART, Quentin D. “The Triumph of the Lamb and His Followers Through ‘Defeat’ and ‘Sacrifice’ in St. John’s Apocalypse”. Dissertação de M.A., Trinity Evangelical Divinity School, 1998, p. 1. “O aparente Cordeiro sem poder que carrega as marcas da matança se posiciona e é descrito como possuindo os tradicionais símbolos de poder: sete chifres e sete olhos, denotando poder absoluto e onisciência”. Bauckham também enxerga este contraste como deliberado, por causa da sua inimizade natural e pelo contexto do Antigo Testamento onde o Leão da tribo de Judá triunfa sobre os inimigos de Israel. “A vitória em questão não é de natureza militar sobre as nações pagãs [mas] João a estabelece de uma vez por todas representando o conquistador messiânico como o Cordeiro sacrificial”. *The Climax of Prophecy*, p. 180-183.

de todas as línguas” estavam reunidos numa clara indicação de universalidade.⁵⁴ O cumprimento de Daniel 7.14 ocorre aqui com todas as nações se submetendo ao domínio do Filho do Homem.⁵⁵ “Estamos no coração do tema de missões. O sangue sacrificial de Jesus trouxe a redenção de todas as nações e tornou possível que elas sejam um reino e sacerdotes para servir o nosso Deus (1.6 = 5.10)”.⁵⁶ Se em Daniel todos os povos, nações e homens de todas as línguas são subjugados pelo reinado de Israel, agora todas as tribos, línguas, povos e nações reinam junto com o Messias.⁵⁷

Em Apocalipse 5.10 o paralelo com Daniel 7.22 e 27 é marcante: “e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra (Ap 5.10); “os santos possuíram o reino” (Dn 7.22b); “O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo” (Dn 7.27a).

Há pelo menos quatro elementos em comum na comparação:

(1) a entrega do reino aos santos no fim dos tempos; (2) o reinado dos santos, sendo ambos precedidos pela (3) fórmula repetida três ou quatro vezes indicando universalidade, e (4) a entrega da autoridade soberana à figura (messiânica) divina.⁵⁸

Neste ponto alguém pode se perguntar como seria a natureza desse reinado. A tendência de espiritualizar o reinado de Cristo e dos santos é comum nos escritos gnósticos. Outra tendência é adiar o reinado para um suposto futuro milênio. Quando os santos estão ativamente envolvidos na proclamação e testemunho do Cordeiro ressurreto, eles estão estabelecendo na terra o reino de Cristo na perspectiva do já e do ainda não. A missão da igreja na prática do reinado e do sofrimento foi capaz de conquistar e subjugar o poderoso Império Romano. Eles reinam ao exercer autoridade espiritual sobre o mundo (pregação, evangelização, cura, exorcismo, intercessão, adoração etc.) e sofrem ao serem oferecidos como libação (cf. 2Tm 4.6) (impedimento de atividade comercial, injúrias, confisco de bens, prisão, tortura e martírio violento). A função de rei e sacerdote exercida por uma mesma pessoa era uma atribuição exclusiva do Messias. Em Apocalipse a igreja assume esse papel como a comunidade messiânica.

⁵⁴ SMALLEY, *The Revelation to John*, p. 137; OSBORNE, *Revelation*, p. 260; AUNE, *Revelation*, 1:361; BEALE, *The Book of Revelation*, p. 359.

⁵⁵ OSBORNE, *Revelation*, p. 261.

⁵⁶ OSBORNE, “The Mission to the Nations in the Book of Revelation”, p. 34.

⁵⁷ BEALE, G. K. “The Use of Old Testament in Revelation”. In: BEALE, G. K. (Ed.). *The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1994, p. 271.

⁵⁸ BEALE, *The Book of Revelation*, p. 361.

ABSTRACT

In a nutshell, eschatology is the set of doctrines pertaining to the last things, where one can see endless disputes about Christ's return, his millennial kingdom, the antichrist, the great tribulation etc. However, its greatest relevance is in the encounter it promotes between theology and history, "for it is interested in the end of History and its meaning". Thus, as the author argues, eschatology always has been a great motivator for world missions because the work of redemption takes place within history and continues to its final consummation. Missiologist Andrew Walls notes a great change in the stimulus and direction of Protestant missionary activities in the West since the middle of the nineteenth century with the eschatological reorientation going from positive expectation of great numbers turning to Christ in postmillennialism to the pessimistic prospect in premillennialism. The current evangelical worldview is dominated by this eschatological approach determining the manner Gospel preaching takes place as well as discipleship and missions. As a third way alternative, amillennialism can offer a more balanced view of God's kingdom and more realistic expectations to the church.

KEYWORDS

Mission; History of missions; Eschatology; Premillennialism; Postmillennialism; Amillennialism.